A abordagem de vocêgen como variante linguística no ensino de LP.

Autoria: JACQUELINE S BORGES - - -

Resumo: Estudos como os de Fernández (2013), Rubenstein (2010), Sankoff (1979) e Coveney (2003) mostram que o emprego do pronome pessoal de 2ª p. para referência genérica é estratégia comum em línguas como Inglês, Francês e Espanhol, dentre outras, apresentando-se como variante não-padrão que coexiste com as demais estratégias de indeterminação dessas línguas. No português do Brasil - PB esta estratégia de indeterminação com a 2ª p. (indireta) genérica – vocêgen – igualmente tem se mostrado produtiva em discursos tanto informais como formais. Tais fatos indicam que essa variação é uma propriedade inerente e regular do sistema de algumas línguas. Em minha pesquisa de doutorado na área da Sociolinguística Paramétrica, em desenvolvimento, sob orientação da profa. Maura A. F. Rocha-UFU, sobre estratégias de indeterminação em PB, os dados apontam que vocêgen é a estratégia de indeterminação mais frequentemente empregada na atualidade, suplantando o emprego de a gente. Trata-se de questões importantes tanto para a linguística teórica como aplicada, pois envolvem aspectos de como variantes linguísticas concorrem com as normas consagradas pela gramática, e de como devem ser ensinadas. Portanto, fenômenos linguísticos em processo de variação, como este devem ser tratados pedagogicamente, em vez de estigmatizados. Por meio do trabalho com gêneros de discurso, pode-se identificar maior incidência do emprego de vocêgen em discursos argumentativos, explanações, exemplificações e na apresentação de experiências comuns, por ser o tipo discursivo que mais faz uso de generalizações. Este estudo parte, assim, do pressuposto de que os resultados das pesquisas em Sociolinguística, por considerarem a realidade linguística dos falantes, devem ser transpostos ao ensino da Língua Portuguesa, tendo em vista a perspectiva da teoria variacionista, segundo a qual, “o domínio de um falante nativo de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com “mero” desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngue” (Labov, 2008)